

O REVIRALHO

ORGÃO DO COMITÊ DE DEFESA DA REPUBLICA

Preço \$50 centavos
LER E FAZER CIRCULAR

*A liberdade de pensamento é a
mais nobre e legitima das aspirações
humanas.*

Este jornal não se submete
à censura

A ULTIMA DAS MISÉRIAS

E' necessario segurar como vontade firme e espirito forte esta mão que escreve. E' preciso dominar com forças sobre humanas o nosso espirito agitado pela indignação, pela revolta, pela vergonha, pelo nojo. Só um País no ultimo periodo da sua decadencia, prestes a morrer, pode assistir sereno á ultima das vergonhas. Vergonha unica na nossa Historia. Vergonha que nenhuma Historia do mundo regista. O cão que leva uma paulada, ladra e arregaça o dente. Todo o ser normal reage quando o ferem.

Só os desclassificados Moraes, os covardes, os traidores aceitam encolhidos o castigo da carne, o ferimento moral.

Os homens de caracter, os homens de honra, não mentem. De cabeça erguida tomam sobre os seus hombros integra a responsabilidade dos seus actos.

Mentem sim os desclassificados Moraes, os traidores, os covardes. Esses, iludem as responsabilidades que lhes cabem, refugiando-se na mentira, entrincheirando-se no embuste, camoflando-se de homens de bem.

A Ditadura havia-nos dado generaes e officiaes superiores do Exercito e da Armada que, esquecendo-se do que devem ao seu País, deshonrando a farda que vestiam, o Tesouro, anarquismavam a vida da Nação com a sua ignorancia caserneira, com a sua cobiça insaciavel, com a sua perfidia, e a sua immoralidade. Jámais pela mente de um unico portuguez passou porém que a Ditadura nos des e generaes, e homens togados covardes e poltrões. Jámais, nem os mais acérrimos adversários desta cégada ministerial, supozeram que estavam combatendo, não simples burros de carga e de appetite vasto, mas misérrimas alimarias que se deixam bater ignobilmente.

Oh! não, nunca!...

Podiam, cégos com o mando, frageis ante os cofres do Estado, çançados de uma longa vida de privações tratar o País com desprezo e á pressa assegurar, sem perigo da cadeia, o futuro dos seus e dos amigos. Podiam por ignorancia, por estupidez, uns, por avára cupidez outros, ir arrastando o País para a dependencia desgraçada de outra Nação.

Mas, prestavamos-lhe a honra de supô-los, uma vez fóra dos gabinetes onde da vida do País se cuida, protege, dignifica e enriquece, uma vez homens de tropa que soubessem acima de tudo defender o seu brio pessoal! Mas não, não.

Os ministros da Ditadura na sua função natural são mais miseraveis que quando improvisados homens de Estado.

Um simples tenente, esbofeteia-os, corre-os a pontapés. Estando todos juntos. Em conselho de Ministros. Nem uma mão se levantou no mais elementar e irreflectido gesto de legitima defeza. Nem um braço se ergueu a responder aos golpes, á afronta. Um só, um tenente contra vinte e tantos homens. E esses vinte e tal homens recamados de estrelas simbolizando fortes e robustas autoridades, coloridos de venéras a atestarem problemáticos actos de heroísmo, fogem, fogem forpemente...

Soldados do nosso País, officiaes do Exercito de Portugal, vêde em que mãos débeis, em que corações

timoratos, em que honra propria e em que coragem individual confiavamos todos nós para no dia necessario sob o comando destes cabos de guerra, guiados pela sua valentia defendermos a Honra, o Brio do nosso Exercito, e a terra sagrada da Pátria.

Ahi os tendes. Entregamo-vos-los. Mas notae, Eles como todos os covardes, todos o desclassificados morais, todos os traidores, mentem. Batidos, corridos á bofetada por um audacioso, organisam um plano de embustes, de mentiras. Querem negar o facto. Pretendem pela Mentira negar que nas faces nédias não receberam um castigo justo. Que no sitio proprio das costas não receberam o pontapé de desprezo.

Ahi vo-los damos, senhores militares de Portugal, certos que em vós ha brio, e ha o sentimento de justiça e de nobreza, apanagio do bom Soldado. Queremos saber o que ireis deles fazer. Queremos ver se a mancha de covardia alastra. Se com esses poltrões ides solidarisar vos. Se a vossa mão honrada e valente vae de novo erguer-se para fazer a continencia que só se deve aos homens de bem, aos homens de honra que envergam uma farda, em sinal de respeito. O País aguarda o vosso veredictum, a sentença suprema do vosso Tribunal de Honra. Se os condenais, tirando-os do Poder que apoucam e diminuem, se pelo não cumprimento dos mais elementares principios das leis militares, escritas no Regulamento Disciplinar os repelirdes, a Nação inteira confiará em vós, ter-vos-ha um respeito inteiro. Se os absolverdes, o que não cremos, então... ai de nós.

E vós outros republicanos, deportados, emigrados, encerrados em masmorras, nós todos que vivemos sem Libertades, estamos vingados. Os homens do *Perdoar*, não; os ferozes demolidores dos nossos lares, a alcateia que nos devorava a fazenda e fazia perigar a vida, morreu. Morreu ingloriamente, sem ser em luta aberta, peito a peito como nós o sabemos fazer. Morreu á bofetada. Foi para a vala comum do Ridículo, mas não sem nos arrastar a nós todos portuguezes no oprobrio, na vergonha de mostrarmos dentro e fóra do País que nos mais altos cargos do Exercito tinhamos tido traidores, desclassificados morais e sobretudo covardes... imensamente covardes.

ISTO VAE BEM!...

Depois do 28 de Maio a actividade dos padres tem sido formidavel. Agora sob o olho protector e amigo do Governo benze-se tudo. Benzem-se bombas e bombeiros, motores, automoveis, quedas d'agua, candieiros de petróleo, e já se anuncia que a Companhia das Aguas vae mandar benzer, por um bispo escolhido pela Camara e de acordo com o maçon João Belo, os contadores para que as palavras sagradas e os borrifos de agua benta limpem a agua do Alviela do tifo «bacilos Carlos Pereira». Mas já as benzedelas não bastam.

Em Caxarias, o célebre masmarro Benevenuto, de gorra com um padre de igual força, organisou uma procissão que foi acompanhada de 2.000 (!) pessoas - diz o *Noticias* - que percorreu várias povoações prégando sermões em todas as localidades por onde passavam. Sabem para que tanto fervor religioso? Diz o *Noticias*: «para se fazerem preces, invocando-se a divindade, para com o seu alto poder evitar a mortandade dos suínos. Explendido. Propomos procissões e preces em todo o País, não vá a mortandade continuar e morrerem-nos os ministros da Ditadura e os seus bacorinho». Coitados, agora que estavam no fim da engorda, era pena. Com o dinheiro que teem custado ao País era de arrelhar...

União Militar Republicana

É do dominio publico a constituição de um organismo militar com esta designação. Pelo que sabemos, a União visiona fins politicos. Não é secreta. Porque assim é, o seu apparecimento interessa o Paiz, e dela vamos occupar-nos.

União Militar Republicana ou *Liga de Officiaes Republicanos*, tem o seu quê de pleonasmio politico. O Paiz é republicano. O Exército republicano é. A Ditadura—*diz*—quer a Republica. Sendo assim, a União Militar Republicana já existia e existe.

O facto de manterem-se nos seus postos os officiaes que vieram do tempo da monarchia, e o de ingressarem nas fileiras os promovidos de 1910, indica que *todos* os officiaes, são republicanos. Todos. Não houve qualquer especie de coacção fisica ou moral exercida sobre eles para que se mantivessem ou entrassem no quadro dos officiaes do Exército.

É certo que as leis e regulamentos militares impõem o acatamento e a defeza do regime republicano.

É certo que por um juramento de honra todos se ligaram a esse compromisso. Mas, certo é tambem que esse juramento é livremente proferido, e a obrigação legal é livremente tomada. Quem não pode ou não quer cumprir, pede a sua demissão em *qualquer momento* ou para o exercito não vem. Porque assim é, consideramos que *todos* os officiaes existentes no quadro do exercito, são republicanos. É Republicano o Exército, caso se verifique que o Exército exista, o que o ministro da Instrução nega. *A União Militar Republicana* é pois o Exército de Portugal. O organismo creado não tem pois uma explicação facil.

Mas a União Militar Republicana instituiu-se, o que nos leva a crer que ha no Exército officiaes republicanos e outros que o não são. Se os organisadores entenderam necessario e util ajuntar em agrupamento especial os fieis cumpridores da sua palavra e os respeitadores da lei, *sabem* que camaradas seus ao juramento faltam e a lei não cumprem. O Ministro da Guerra tambem *o sabe*, visto que com a Liga se conforma,—prova é que a consente—*malgré bon gré*. De posse deste conhecimento, ao ministro da guerra impunha-se-lhe o indeclinavel dever de aplicar com rigor a lei. E então, o ministro com os poderes que se arrogou e que o País não lhe conferiu, demittia do Exército os officiaes não republicanos, depurava os quadros e o Exército transformava-se automaticamente na União Militar Republicana, e o grupo formado deixava de ter razão de existir.

Infere-se—dado que a União Militar Republicana persiste—que os officiaes republicanos, não tendo confiança no Ministro da Guerra, achando-o incapacitado de executar as leis, e muito provavelmente duvidando do seu furor republicano, resolveram estabelecer uma união intima com o fim primario de salvar a República de um acto de traição de camaradas seus *republicanos*, livremente permitidos nas fileiras pela acção passiva ou concordante do Ministro da Guerra, o que nos leva a dizer que a União Militar representa uma necessidade tão só porque não ha um Ministro da Guerra cumpridor dos seus deveres. Porque ha um Ministro da Guerra que falando e escrevendo produz afirmações que não ajusta aos seus actos. Que diz ser republicano e grita que defenderá a República através de tudo, mas que a deixa minar conscienciosamente por aqueles que por sua fraqueza ou duplicidade, a querem destruir.

Neste caso, a União é uma necessidade.

Se, como necessidade tem de considerar-se qual a sua posição em relação aos membros da familia militar que se acham presos, deportados, emigrados? São ou não esses officiaes e sargentos republicanos?

São. Ninguem o pode duvidar. Porque se encontram na desgraçada situação em que este governo feroz para os republicanos e mole para os monarchicos os pôz! Porque com um sentido politico mais apurado que os dirigentes da União, se ligaram, juntaram para effectivar uma aspiração patriótica, justa, nobre perfeitamente igual áquella que a União, hoje, quer realizar. Se a União houvesse sido organizada em meados de Setembro do ano passado, todos os camaradas que hoje estão proscritos, desterrados, presos seriam dos primeiros a inscreverem-se nela. E, de mãos dadas com os camaradas, hoje filiados na União teriam feito ruir esta Ditadura maldita sem estrondo de canhões, sem o crepitar de metralhadoras, sem que o sangue de irmãos do mesmo Ideal, escravos do mesmo Dever, apóstolos da mesma Santa Cruzada, tingisse a terra bemdita, mil vezes, de Portugal que todos amam igualmente. O crime desses camaradas é igual ao que hoje cometem os da União.

Queriam a República em mãos republicanas. Queriam a liberta do bando de corvos que devoram Portugal. Queriam que jámais podesse dizer-se que officiaes do Exército de Portugal, uma vez guindados a altas posições politicas e de administração com o apoio de camaradas seus, haviam «mergulhado até aos cotovelos os braços em negocios escuros, arrancando-os de lá com os galões sujos e enlameados». Bateram-se pelo prestigio da classe, por honra da farda, para que se conservasse puro e sem mácula o nome abençoado do Exército. Queriam evitar o vergonhoso negocio de officiaes do Exército andarem a vender a retalho a Bancos e Companhias pertences do Patrimonio Nacional. Queriam impedir a obra de traição, de subservencia vil, de camaradas seus ante a Espanha. Queriam que dos comandos, dos postos politicos importantes fossem afastados os que faltando ao seu juramento de honra, ás obrigações livremente contraídas de defenderem a República, a estavam entregando a monarchicos. Eis o seu crime. Qual a attitude da União em face dos seus camaradas que mais cedo, mais previdentemente, jogando tudo, vidas, haveres, pão dos seus, tentaram salvar a República?

Deixam-nos inscrever na União? Querem-os para o seu seio, para, livres, serem uma força a juntar á sua força?

Sabem os da União que os camaradas presos não estavam filiados em nenhum dos partidos politicos. Muitos deles nunca se arregimentaram em organizações partidárias: outros, muitos, até ajudaram o 28 de Maio. Qual a sua attitude pois?

É a União um partido politico com fins de constituir governo? Qual a sua orientação geral em matéria de Administração?

O País quer sabê-lo. Tem direito a conhecer as bases de uma União Militar Republicana.

O Ministro do Interior officiou ao do Comercio pedindo para dar instruções aos Correios e Telegrafos para exercerem uma rigorosa fiscalisação e censura em tudo quanto venha de França, especialmente pacotes e embrulhos.

Parece que o Governo está informado de que os revolucionarios estão na disposição de invadirem o Paiz, via Madrid, despachados como encomenda postal. Diz-se que foi informação da Virginia e do celebre comité . . Feminino.

A' Liga dos Combatentes da Grande Guerra

O major Americo Olavo foi um militar que se bateu com honra e desusada valentia. Foi morto por um camarada vosso, tenente de engenharia. Cumpre á Liga exigir o castigo do miseravel assassino que se chama Henrique Guilherme Bastos Horta.

União Militar Republicana

E' do dominio publico a constituição de um organismo militar com esta designação. Pelo que sabemos, a União visiona fins politicos. Não é secreta. Porque assim é, o seu aparecimento interessa o Paiz, e dela vamos ocupar-nos.

União Militar Republicana ou *Liga de Officiaes Republicanos*, tem o seu quê de pleonasmio politico. O Paiz é republicano. O Exército republicano é. A Ditadura—*diz*—quere a Republica. Sendo assim, a União Militar Republicana já existia e existe.

O facto de manterem-se nos seus postos os officiaes que vieram do tempo da monarchia, e o de ingressarem nas fileiras os promovidos de 1910, indica que *todos* os officiaes, são republicanos. Todos. Não houve qualquer especie de coacção fisica ou moral exercida sobre eles para que se mantivessem ou entrassem no quadro dos officiaes do Exercito.

E' certo que as leis e regulamentos militares impõem o acatamento e a defeza do regime republicano.

E' certo que por um juramento de honra todos se ligaram a esse compromisso. Mas, certo é tambem que esse juramento é livremente proferido, e a obrigação legal é livremente tomada. Quem não pode ou não quer cumprir, pede a sua demissão em *qualquer momento* ou para o exercito não vem. Porque assim é, consideramos que *todos* os officiaes existentes no quadro do exercito, são republicanos. E' Republicano o Exercito, caso se verifique que o Exercito exista, o que o ministro da Instrução nega. *A União Militar Republicana* é pois o Exercito de Portugal. O organismo creado não tem pois uma explicação facil.

Mas a União Militar Republicana instituiu-se, o que nos leva a crer que ha no Exercito officiaes republicanos e outros que o não são. Se os organisadores entenderam necessario e util ajuntar em agrupamento especial os fieis cumpridores da sua palavra e os respeitadores da lei, *sabem* que camaradas seus ao juramento faltam e a lei não cumprem. O Ministro da Guerra tambem *o sabe*, visto que com a Liga se conforma,—prova é que a consente—*malgré bon gré*. De posse deste conhecimento, ao ministro da guerra impunha-se-lhe o indeclinavel dever de aplicar com rigor a lei. E então, o ministro com os poderes que se arrogou e que o País não lhe conferiu, demitia do Exército os officiaes não republicanos, depurava os quadros e o Exército transformava-se automaticamente na União Militar Republicana, e o grupo formado deixava de ter razão de existir.

Infere-se—dado que a União Militar Republicana persiste—que os officiaes republicanos, não tendo confiança no Ministro da Guerra, achando-o incapacitado de executar as leis, e muito provavelmente duvidando do seu furor republicano, resolveram estabelecer uma união intima com o fim primario de salvar a República de um acto de traição de camaradas seus *republicanos*, livremente permitidos nas fileiras pela acção passiva ou concordante do Ministro da Guerra, o que nos leva a dizer que a União Militar representa uma necessidade tão só porque não ha um Ministro da Guerra cumpridor dos seus deveres. Porque ha um Ministro da Guerra que falando e escrevendo produz afirmações que não ajusta aos seus actos. Que diz ser republicano e grita que defenderá a República através de tudo, mas que a deixa minar conscienciosamente por aqueles que por sua fraqueza ou duplicidade, a querem destruir.

Neste caso, a União é uma necessidade.

Se, como necessidade tem de considerar-se qual a sua posição em relação aos membros da familia militar que se acham presos, deportados, emigrados? São ou não esses officiaes e sargentos republicanos?

São. Ninguem o pode duvidar. Porque se encontram na desgraçada situação em que este governo feroz para os republicanos e mole para os monarchicos os pôz! Porque com um sentido politico mais apurado que os dirigentes da União, se ligaram, juntaram para efectivar uma aspiração patriótica, justa, nobre perfeitamente igual áquela que a União, hoje, quer realizar. Se a União houvesse sido organizada em meados de Setembro do ano passado, todos os camaradas que hoje estão proscritos, desterrados, presos seriam dos primeiros a inscreverem-se nela. E, de mãos dadas com os camaradas, hoje filiados na União teriam feito ruir esta Ditadura maldita sem estrondo de canhões, sem o crepitar de metralhadoras, sem que o sangue de irmãos do mesmo Ideal, escravos do mesmo Dever, apóstolos da mesma Santa Cruzada, tingisse a terra bemdita, mil vezes, de Portugal que todos amam igualmente. O crime desses camaradas é igual ao que hoje cometem os da União.

Queriam a República em mãos republicanas. Queriam a liberta do bando de corvos que devoram Portugal. Queriam que jámais podesse dizer-se que officiaes do Exército de Portugal, uma vez guindados a altas posições politicas e de administração com o apoio de camaradas seus, haviam «mergulhado até aos cotovelos os braços em negocios escuros, arrancando-os de lá com os galões sujos e enlameados». Bateram-se pelo prestigio da classe, por honra da farda, para que se conservasse puro e sem mácula o nome abençoado do Exército. Queriam evitar o vergonhoso negocio de officiaes do Exército andarem a vender a retalho a Bancos e Companhias pertences do Patrimonio Nacional. Queriam impedir a obra de traição, de subservencia vil, de camaradas seus ante a Espanha. Queriam que dos comandos, dos postos politicos importantes fossem afastados os que faltando ao seu juramento de honra, ás obrigações livremente contraídas de defenderem a República, a estavam entregando a monarchicos. Eis o seu crime. Qual a attitude da União em face dos seus camaradas que mais cedo, mais evidentemente, jogando tudo, vidas, haveres, pão dos seus, tentaram salvar a República?

Deixam-nos inscrever na União? Querem-os para o seu seio, para, livres, serem uma força a juntar á sua força?

Sabem os da União que os camaradas presos não estavam filiados em nenhum dos partidos politicos. Muitos dele; nunca se arregimentaram em organizações partidárias: outros, muitos, até ajudaram o 28 de Maio. Qual a sua attitude pois?

E' a União um partido politico com fins de constituir governo? Qual a sua orientação geral em matéria de Administração?

O País quer sabê-lo. Tem direito a conhecer as bases de uma União Militar Republicana.

O Ministro do Interior officiou ao do Comercio pedindo para dar instruções aos Correios e Telegrafos para exercerem uma rigorosa fiscalisação e censura em tudo quanto venha de França, especialmente pacotes e embrulhos.

Parece que o Governo está informado de que os revolucionarios estão na disposição de invadirem o País, via Madrid, despachados como encomenda postal. Diz-se que foi informação da Virginia e do celebre comité . . Feminino.

A' Liga dos Combatentes da Grande Guerra

O major Americo Olavo foi um militar que se bateu com honra e desusada valentia. Foi morto por um camarada vosso, tenente de engenharia. Cumpre á Liga exigir o castigo do miseravel assassino que se chama Henrique Guilherme Bastos Horta.

SINAES...

Liquidou tragico-comicamente o incidente de «O Imparcial». O órgão da Ditadura que se publicava á custa do Tesouro Publico e que num rasgo de audacia e num momento de lucidez alcunhou o governo de TER TRAÍDO o Exército, de ter roubado o Paiz e de ser um misero fantoche nas mãos da Banca, que untava as mãos dos governantes, morreu. Para inglez ver meteram o Galvão-tenente na cadeia, dois dias. Com medo que o homem falasse e dissesse o resto que sabe, soltaram-no. Como o do Interior concordou com o papel e até o mandou distribuir pela Policia de Informações do seu Ministerio, os colegas resolveram não dar dinheiro para fundar outro jornal.

Foram de parecer que se fomentasse activamente a campanha pró-governo distribuindo uma importante verba pelo «Seculo», «Noticias», «Diario de Lisboa» e muito especialmente a «Situação». Os jornaes monarquicos recebem a esportula em generos.

De facto, apoz a morte gloriosa de «O Imparcial», os jornaes citados povoaram as suas columnas dos melhores adjectivos das redacções para reclamarem a obra do governo.

Ahi fica o aviso ao publico.

EXTRANHO...

Um tenente do Exército—Henrique Galvão—e um capitão, Carlos Selvagem, chamam—por escrito e autenticam a prosa com os seus nomes—traidor, imbecil, ladrão, desleal, e vendido ao seu Ministro da Guerra e aos generaes-ministros. O tenente é detido dois dias, o capitão não é incomodado. Mais. O proprio Passos e Sousa em «oficiosa» isenta-os de toda a culpa, absolve-os perante o Paiz.

Estranha Ditadura Militar!... Subordinados bombardeiam os ministros com o melhor das suas munições. Não se castigam, logo o Paiz convence-se do seguinte: a) a disciplina militar em Ditadura militar nao existe; b) o que os homens disseram era absolutamente verdade.

E os civis, e os officiaes republicanos que por simples denuncia jazem 30, 40 e mais dias incommunicaveis numa masmorra! E os que sofrem em Africa mil miserias nas deportações? Esses, é que são os indisciplinados, os perigosos, os desordeiros?

Que estranha noção de ordem, de respeito e de principios de disciplina que os militares da Ditadura nos estão dando.

O que dizemos é calunia, sr. da Guerra e falso apostolo da Paz, como no missal do padre Manso você afirmou?... Parvo.

expunha de um modo claro: como é que um prego entra na madeira? Batendo-lhe com um martelo na cabeça tantas e tantas vezes até que fure.

Claro é que a hipótese trata de um prego a enterrar em madeira, porque se fôr na pedra não ha prego nem martelo...

60.000 desempregados

60.000 desempregados accusam as estatisticas. Dando a cada um a média de 4 pessoas de familia a sustentar, temos que a braços com a miseria ha 240.000 almas. Lisboa tem 600.000 habitantes. Logo, mais de um terço tem fome. Se acrescentarmos aos 240.000 infelizes os numeros elevados dos que pertencem á Ala Negra dos Pobres Envergonhados, proximo andaremos da cifra de 400.000 a 450.000 esfomeados. Os que seguem até a um numero cerca de 550.000 não nadam na abastança.

Em 18 mezes de Ditadura a maré da fome tem enchido enormemente. E' com numeros que se argumenta e não com artigos de louvor, pagos á linha nos jornaes de aluguer. Enquanto nos lares portugueses choram homens, creanças e mulheres por uma côdea de pão, os do governo dizem nos papeis que nunca em Portugal a vida foi mais ditosa. Pudéra, o comer não lhes falta. E' com o dinheiro dos pobres que eles se enchem...

Comissão Administrativa da Freguesia dos Restauradores

Sem comentarios. A «odiada» Junta da Freguesia dos Restauradores com tino, prudencia e saber havia realisado uma obra notavel, e, no momento de ser substituido violentamente pela actual comissão, toda composta de monarquicos, em cofre deixou varios contos de reis. A monarquica comissão actual pegou nesse dinheiro e ainda no produto de todas as receitas e deixou-os estar na posse do tesoureiro que girava com eles nos seus negocios. Aconteceu ao tesoureiro o que acontece a toda a gente. Morreu, e, como não havia documentos, *nem um tão só*, o dinheiro da comissão foi para a familia do falecido, que o não larga, no que fez muito bem.

Como provam os da Comissão monarquica dos Restauradores que o dinheiro lhe pertence? De modo algum. E os crédores a satisfazer? A questão é interessante; porque: a) prova que o Carlos Pereira das Aguas fez escola, visto os dinheiros publicos servirem para movimentar casas commerciaes; b) que a «odiada junta republicana» soube sempre cumprir o seu dever; e) que a actual monarquica cuida mais dos seus interesses privados de que dos geraes.

Quanto á maneira de arranjar dinheiro para pagar os calotes, socegemos todos, o Ministerio do Interior irá abrir um credito especial.

A Comissão monarquica dos Restauradores, é afinal um espelho da Ditadura.

FRASE HISTORICA

Antes do tenente Moraes Sarmiento começar a distribuição gratuita e ao domicilio de inumeras bofetadas e pontapés ao ministério inteiro e quando apodava generaes, coroneis e ministros de tudo quanto ha—com verdade diga-se—em linguagem pura, castiça de picadeiro, o feroz Passos e Sousa, o *que se bate e jamais se rende*, o Chefe do Exército que sentado na sua secretária ao jornalista da «Situação» ditava palavras injustas e duras para os que bem souberam bater-se no Porto, o inflexivel (?) e incorruptivel (?) ministro que se intitula simbolo da Disciplina, Grão-Mestre da Hierarquia Militar, o Detentor dos Selos Augustos do Regulamento Disciplinar, com a voz a tremer, suplicante quasi disse ao tenente, e a um misero tenente, *carne de cachaco*, como em giria de Quartel se diz:

—Oh! Sarmiento, socegue... Não é o Ministro quem fala... E' o amigo... E' o companheiro... Dou-lhe a minha palavra...

—Cala-se, seu f... da p... Você não tem honra. Você dá a palavra de honra a toda a gente para logo roer a corda... Honra, seu s... cale-se.

E o heroico, o intrepido, foi dos que fugiu mais depressa...